

## **Tempo Livre e lazer dos trabalhadores em Juiz de Fora/MG – possibilidades através dos processos crime de homicídio (1900-1924)**

MARINA FERNANDES BRAGA NAKAYAMA<sup>1</sup>

### **1. Juiz de Fora: a Manchester Mineira**

Juiz de Fora é uma cidade do sudeste de Minas Gerais, localizada na Zona da Mata, entre a Serra da Mantiqueira e a Serra do Mar. No início do século XX, seguindo os passos de outras cidades do Brasil, tais como Rio de Janeiro (CHALHOUB, 1996, 2001), São Paulo (SEVCENKO, 1992, 1998, 1999) e Belo Horizonte (VEIGA, 2002; VAGO, 2002), a localidade vivenciava um processo de modernização e de reformas sanitárias, urbanísticas, educacionais, entre outras.

Para a historiadora Maraliz Christo (1994), entre meados do século XIX e o início do século XX, Juiz de Fora não foi herdeira da cultura colonial mineira. A cidade contava com um fator expressivo, a produção cafeeira, já que as terras da Zona da Mata mineira não eram propícias à extração de minerais, tal como as cidades da região central do estado.

Já em meados do século XIX, os primeiros traços de progresso podiam ser observados na localidade. Exemplos disso são a abertura da estrada de rodagem União e Indústria – a qual ligava a cidade à Capital Federal –, as comunicações ferroviárias e, ainda, a instalação da primeira usina hidrelétrica da América Latina – a Usina de Marmelos, que permitiu uma nova configuração do Rio Paraibuna, sendo inaugurada em 1889. Esses traços de desenvolvimento, que permaneceram ainda ativos durante o século XX, foram responsáveis pelo escoamento da produção cafeeira durante o século XIX e pelo escoamento de diversas mercadorias, como os artigos têxteis, alimentos e bebidas em Juiz de Fora e região (CHRISTO, 1994: 11).

Christo (1994: 10) ainda identifica uma singular diferença na formação urbana de Juiz de Fora em relação à de outras cidades barrocas de Minas Gerais, uma vez que essa estaria “normatizada pelos apitos das fábricas de estilo neoclássico e o bater dos tamancos de seus

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, EEEFTO, UFMG. Bolsista CAPES/DS. E-mail: [marinafbraga@gmail.com](mailto:marinafbraga@gmail.com)

operários de ambos os sexos e diversas nacionalidades”. Pode-se dizer, portanto, que os libertos e os estrangeiros teriam presença marcante como mão de obra na cidade e região.

Contínuas transformações na paisagem da cidade mineira aconteceram, tais como obras de retificação do rio Paraibuna, embelezamento da região central com reforma de ruas, criação de praças, criação do matadouro, regulamentação das casas e de animais domésticos, tentativas de solucionar problemas relacionados a epidemias entre outros, como nos apontam as Resoluções da Câmara Municipal de Juiz de Fora nas primeiras décadas do século XX. Exemplo disso foi a Resolução da Câmara nº 706 que estabeleceu a proibição da abertura de avenidas para operários ou vielas que fossem localizadas no centro da cidade. Ela também determinava a desapropriação e demolição de imóveis que fossem em avenidas abertas bem no meio dos quarteirões centrais, formando pequenas vilas na cidade (CÂMARA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA, 1917).

Ao mesmo tempo em que olhares se debruçavam sobre ela, entendendo-a como moderna, bela e próspera, as páginas do Jornal *O Pharol*, em 1907, destacavam más impressões: “conhecemos Juiz de Fora há anos, sempre atrasada e gozando de fama de um péssimo clima, o que lhe emprestavam as epidemias aqui ocorridas” (O PHAROL, 17 out. 1907). Assim, pareciam existir contradições no processo de modernização da cidade nas primeiras décadas do século XX, bem como a intenção de organizar a localidade, dividindo seus espaços e determinando como seriam utilizados e ocupados.

Com uma população que, no ano de 1890, atingiu 55.185 habitantes, e que, em 1920, chegou ao número de 118.166, incluindo pessoas do meio urbano e rural (GIROLETTI, 1988), a cidade de Juiz de Fora se expandiu significativamente em trinta anos. Além disso, a composição de seus habitantes foi alterada, tendo os libertos e os imigrantes como seus componentes. No caso dos imigrantes, várias nacionalidades podiam ser encontradas, incluindo os italianos, os portugueses, os espanhóis, os franceses, os norte-americanos, os árabes, entre outros em menor expressão quantitativa (OLIVEIRA, 1966).

Além do aspecto populacional, outra transformação socioeconômica que ocorreu, na época, como causa e consequência da redefinição da cidade, foi o aumento de casas comerciais, de oficinas e de fábricas. Em seu trabalho *Industrialização de Juiz de Fora*, publicado em 1988, Domingos Giroletti analisa como a cidade se tornou referência econômica para a Zona da Mata mineira frente ao desenvolvimento das indústrias nela estabelecidas. Para o autor, a cidade, até a década de 1930, transitou de uma grande produção cafeeira para um intenso processo de industrialização, o que exigiu sua reorganização em vários setores da economia para atender às novas demandas.

Segundo Giroletti (1988: 113 -114), a participação da mão de obra de imigrantes europeus – que também se tornaram, em grande parte, pequenos empreendedores –, associada a empresários locais que fundaram as indústrias e possibilitaram o investimento em outros setores, como o de comércio e o de serviços, foram significativas para o alargamento e para o incremento da economia na cidade.

No *Almanach*<sup>2</sup> de Juiz de Fora, publicado em 1917, há um número significativo de anúncios de casas comerciais e de indústrias dos mais variados setores. Identificamos propagandas de tipografias, fábricas de balas e guloseimas, fábricas de tecidos e malhas, laboratórios químicos e industriais, fábricas de móveis, cervejarias, fábricas de máquinas, construtoras e fábricas de mantimentos (ALMANACH, 1917). Também eram constantes as publicações de anúncios referentes a serviços diversos nos jornais que circulavam na cidade. Essa diversidade de mercado levou-nos à compreensão de por que a cidade se tornou referência para as demais em seu entorno. Além disso, era necessária a inserção de trabalhadores nas casas comerciais e nas fábricas, o que fazia com que a mão de obra da cidade se constituísse justamente para suprir as novas demandas. Assim, deixava-se para trás a produção cafeeira, que já não era o elemento central da economia da região.

Juiz de Fora é uma cidade com características próprias às cidades que se industrializavam e que se desenvolviam no início do Novecentos. Dentre essas características podemos destacar que durante as três primeiras décadas dos Novecentos foram de suma importância a atividade industrial, com o estabelecimento de vários tipos de produção, destacando-se a indústria têxtil.

A fim de corroborarmos essa ideia, disponibilizamos um anúncio datado de 1909, da Fábrica São Roque, localizada em Juiz de Fora. É interessante observar nele a variedade de artigos produzidos em uma mesma fábrica e a grande quantidade de máquinas a vapor necessárias para o seu funcionamento. Nota-se que o funcionamento dessa fábrica era dividido por seções indicando sua pluralidade e ainda a possibilidade de abastecer os comerciantes da região de maneira atacadista já que ela possuía estoque de produtos. Também é relevante destacar o número significativo de 220 operários na primeira década dos Novecentos.

### **Figura 1:** Anúncio da fábrica São Roque

---

<sup>2</sup> Os *Almanachs* eram catálogos de propagandas e serviços encontrados na cidade, e também, um meio de comerciantes e autônomos das cidades vizinhas realizarem seus anúncios. Ofereciam, também, orientações sobre horários de trens e momentos de leitura, através da publicação de poesias, crônicas e estórias.



Fonte: *Jornal O Pharol*, 11 set. 1909

**Chinellos de liga e outras marcas - MEIAS - Camisas de meias**

**Fabrika S. Roque**  
... DE ...  
**Galletti & Montreuil**

**OCCUPA CERCA DE 220 OPERARIOS**

Compõe-se esta fabrica de 137 machinas, sendo 121 acciona-  
das a vapor, com 6 secções, assim divididas :

Secção para o fabrico de meias, aparelhada para uma  
produção diaria de 150 duzias.

SECÇÃO PARA O FABRICO DE CAMISAS DE MEIA. PARA 90 DUZIAS

Secção para o fabrico de chinellos de liga e outras marcas produzindo 100 duzias

SECÇÃO PARA O FABRICO DE CAIXAS DE PAPELÃO, COM A PRODUÇÃO DE 100, DIARIAMENTE

IMPORTANTE MANIPULAÇÃO DE FUMOS

Grande fabricação de cigarros Marca **EXTRA**, registrada.

Tem sempre em "stock" grande sorti-  
mento de artigos de seu fabrico

\*\*\*\*\*

**Rua Floriano Peixoto, 32**  
**JUIZ DE FORA**

Caixas de papelão

Manipulação de fumos

CIGARRAS **EXTRA**

É por esses fatores e, especialmente, por causa do processo de industrialização que Juiz de Fora foi identificada, nas últimas décadas do século XIX até o início do século XX, por *Manchester Mineira*. Esse epíteto ilustrava bem a condição da cidade mineira, que era comparada à cidade industrial de Manchester, localizada na Inglaterra.

A partir desse conjunto de características, refletimos e levantamos algumas questões. Primeiramente, como nessa cidade, tão ligada ao progresso, era utilizado o tempo livre dos trabalhadores<sup>3</sup>? Que atividades os trabalhadores realizavam durante o tempo do não trabalho?

Assim, ficamos nos questionando quais fontes de pesquisa permitiriam para que um outro olhar, que não fosse ligado às classes mais abastadas, viesse à tona. Foi quando nos deparamos com o trabalho de Sidney Chalhoub (1994) que se orientou em identificar o cotidiano e a cultura dos trabalhadores no Rio de Janeiro por meio dos processos crime. Nesse caminho também nos deparamos com o trabalho de Deivy Carneiro (2008) que estudou as injúrias por meio dos

<sup>3</sup> Optamos por utilizar o termo "trabalhadores" aproximando-nos de Eric Hobsbawn (1987) que utiliza o termo trabalhadores de forma genérica, sem aplica-lo a uma tipologia específica de ocupação. No entanto optamos por equivaler trabalhador e operário, considerando a necessidade e a importância de se pesquisar as tradições e a formação desse tipo de trabalhador quando pensamos em Juiz de Fora, especialmente devido ao seu destaque fabril e industrial nas primeiras décadas do século XX.

processos crime e nesse viés decidi procurar nas páginas dos processos de homicídio registros que me possibilitassem um olhar acerca do tempo livre e lazer do trabalhador nesta cidade mineira.

## **2.Os processos crime como fonte de pesquisa**

Os processos crime pesquisados para este estudo encontram-se sob guarda do Arquivo Histórico de Juiz de Fora, órgão da Prefeitura Municipal desta cidade, no Fundo Criminal do Fórum Benjamin Colucci. Esta documentação foi recolhida em 1996 em condições precárias infestados por poeira, insetos, úmidos e até mesmo deteriorados. Após um trabalho de higienização eles puderam ser organizados levando-se em conta o período em que foram produzidos (se período do Império ou República), e, conforme o delito cometido foram criadas séries para sistematiza-los nas quais os processos ficaram alocados em ordem cronológica conforme a data da notícia do crime.

A série por nós elencada foi a que englobava os processos crime de homicídio, inseridos na categoria de crimes contra a segurança da pessoa e da vida, referente ao período da República dentre os anos de 1891 a 1942.

No entanto, para este trabalho analisamos os processos abertos no período de 1900 a 1924 por entendermos esse período de grande importância na organização do trabalho livre nesta cidade. Assim foram examinados cerca de 400 processos, levando-se em consideração os dados contidos na denúncia e também pelos depoimentos do réu e testemunhas, dos quais 26 foram selecionados por nos revelarem práticas culturais no tempo livre e de lazer dos trabalhadores urbanos e rurais e que de alguma forma tornavam-se cenário trágico com a ocorrência de um crime contra a vida.

Dessa maneira foi possível perceber que apenas 6,5% do total dos processos analisados neste período foram abertos por crimes de homicídio cometidos nos momentos de lazer e divertimento.

Embora esse seja um percentual pequeno de ocorrências, entendemos que é de extrema importância a possibilidade de identificá-las, uma vez que são escassas as fontes de pesquisa que contribuem para uma história do lazer dos trabalhadores devido a falta de registros documentais produzidos pelos mesmos ou que se remetam a eles.

A justificativa para a escolha desta série foi pensar que embora o crime cometido possuísse um grau de importância elevado, se deixássemos o crime cometido em um segundo plano poderíamos identificar a situação em que o mesmo ocorreu, deparando-nos com uma situação de tempo livre ou lazer e que possibilitaria a identificação de uma parte do cotidiano das pessoas envolvidas.

Os dados coletados se remontam aos processos crime de homicídio que ocorriam devido a desentendimentos entre desafetos e conflitos. A investigação ocorrida nos processos crime possibilitam mostrar mais que os delitos. A leitura ampliada desses processos que foram selecionados permitem identificar fragmentos dos movimentos urbanos e rurais dos conflitos ocorridos na cidade de Juiz de Fora e também os momentos de lazer e divertimento dos trabalhadores nesses ambientes.

### **3. Divertimentos dos trabalhadores em Juiz de Fora**

#### **3.1, Jogos, apostas, botequins, vendas e restaurantes.**

No dia onze de abril de 1903, um sábado de Aleluia, por volta das oito horas da manhã, o lavrador Geraldo Laurindo da Silva de trinta e dois anos, morador do distrito do Rosário<sup>4</sup>, estava no arraial de São Francisco de Paula que encontrava-se em festa por comemoração da Semana Santa (AHJF, 1903). Participando de uma banca de jogo que acontecia nas imediações do botequim de Pascoal Petresi, Geraldo se divertia com o jogo “jaburu”<sup>5</sup> em companhia de aproximadamente trinta pessoas, da qual “Martiniano de tal’ era o banqueiro desta mesa de jogos. Acontece que de repente um dos jogadores reclamou por certa quantia de dinheiro que ele alegava ter ganhado; não concordando com a alegação do jogador Martiniano o esbofeteou. Geraldo e João Sabino reprovaram a reação agressiva de Martiniano e por isso viraram a mesa de jogo. Martiniano enfurecido perseguiu Geraldo e tentou agredi-lo com uma navalha, mas

---

<sup>4</sup> Tanto o distrito do Rosário quanto o arraial de São Francisco de Paula eram pertencentes a Juiz de Fora e compunham sua zona rural. (ESTEVEZ, Albino. 1915).

<sup>5</sup> Conforme relato da vítima Geraldo Laurindo da Silva, no momento em que a mesa foi virada, tanto o dinheiro quanto a roleta caíram no chão, assim podemos inferir que este parecia ser um jogo de aposta que se utilizava roleta para designar o ganhador. (AHJF, Série 24, cx 41, 11/04/1903, p. 08). Conforme o dicionário on line Michaelis em um de seus significados, jaburu seria 3. *Espécie de roleta, com figuras de animais ao invés de números.* DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=jaburu>> Acesso 20/05/2015.

não conseguindo atirou-se em luta corporal com o mesmo. Numa atitude de tentar separar o conflito que ali se instalou, João Sabino com um cacete deu uma bordoadada na cabeça de Martiniano. Nesse mesmo momento ouviu-se um estampido de arma de fogo; era Cezarino Gomes de Oliveira que puxara o gatilho de sua garrucha e atingira a Geraldo que então caiu por terra abraçado em Martiniano. Geraldo veio a falecer cerca de trinta dias depois pelo agravo dos ferimentos causados pelo tiro.

Durante este processo crime foram ouvidas nove testemunhas, muitas delas residentes no arraial de São Francisco de Paula e que estavam no festejo daquele dia. Todas as testemunhas apresentaram versões próximas da denúncia, no entanto nenhuma delas pronunciou que estava na mesa de jogo junto aos envolvidos no delito, apenas que estavam nas proximidades da jogatina ou que ouviram falar de um fulano de tal sobre o acontecimento.

Quando analisamos os processos crime elegidos para este trabalho percebemos que aproximadamente 30% deles são relativos a temática jogos, incluindo os jogos de azar e jogos esportivos como é o caso do jogo de malha que aparece em uma ocorrência. Além do jogo chamado *jaburu*, também há a ocorrência do jogo chamado *buzio* ou *busio* e do jogo *truco* ou *truco e douradinha*.

Conforme Eloísa Oliveira e Vanderci Aguilera (2007) e ainda Ana Paula Puzzinato e Vanderci Aguilera (2006) ao estudarem a influência do africanismo na geolingüística e lexicografia brasileira, identificaram que a palavra *buzio* ou *busio* variam de *buzo* que significa jogo popular que utiliza cascas de laranja, pequenas conchas ou grãos de milho ao invés de dados derivam da lexicografia africana. Isso nos leva a crer que tal prática provavelmente foi inserida na região através da cultura dos escravos que trabalhavam nas fazendas da região e que permaneceu como prática entre os populares.

Já o *truco* é um jogo de cartas que tem sua origem na Inglaterra no século XVII. Uma de suas variações é a *douradinha* que se caracteriza quando há mais de seis jogadores.

Conforme Tizuko Kishimoto (1994) o jogo se expande pelos séculos seguintes à Idade Média associados ao dinheiro, à novidade, ao não sério possibilitando que a atividade lúdica se desenvolvesse na vida social das comunidades à margem da religião oficial que abominava essas práticas. Segundo Kishimoto (1994) a *Encyclopédie de Diderot e D'Alembert* mostra que o jogo no século XVII aparece como uma ocupação fútil, divertimento, acaso e perda de fortuna e honra, sagacidade, uma espécie de convenção para se usar a habilidade, que diverte pela esperança do ganho (p.118).



Dos processos elegidos relativos a temática jogos apenas uma ocorrência foi constata na área urbana da cidade, no bairro Pito Aceso, região hoje dos bairros Manoel Honório e Bonfim. Esta ocorrência pode ser classificada em duas temáticas de lazer, a dos jogos e a dos botequins existentes na cidade e devido a sua riqueza de detalhes a analisaremos a seguir.

Ao localizarmos os delitos que ocorreram em botequins, cerca de 27% perfazem o total de processos de homicídio selecionados para essa análise. Vejamos a ocorrência comentada acima através do relato das testemunhas.

Na noite de sábado do dia dezessete de novembro de mil novecentos e vinte e três, Veríssimo Venâncio da Silva, um operário de trinta e dois anos de idade, morador no bairro Manoel Honório vizinho do botequim de Anacleto Eugênio Vidal encontrava-se dentro deste comércio com amigos que jogavam truco e douradinha como forma de passar o tempo quando por volta de dez e meia da noite apareceu no botequim Francisco de Paula, um soldado do 10º Regimento de Infantaria. Ao interromper o jogo, o soldado Francisco acompanhado de um colega do regimento, dirigiu-se aos amigos que se divertiam de forma agressiva soltando um “para com essa merda, ahi”. Sua intenção era que se parasse com o jogo para iniciar um outro, o jogo de víspora. Veríssimo percebendo que tal situação poderia terminar mal, uma vez que o soldado tinha fama de valentão e desordeiro, se retirou para sua casa quando de repente ouviu o som de um estampido. Não querendo voltar para o botequim com receio de que alguma confusão tivesse ocorrido, somente no dia seguinte ele passou a saber que Anacleto havia atirado em Francisco, assassinando-o (AHJF, 1923).

A testemunha Augusto Estopa, um verdureiro de sessenta e seis anos, também morador do Manoel Honório e que participava do jogo no botequim, ainda revelou à polícia que Anacleto, o dono do botequim, disse ao soldado Francisco que além de não haver víspora em seu estabelecimento, que ele não consentia jogo em sua casa e apenas estavam amigos jogando uma partida de douradinha, mas sem apostas em dinheiro. Mesmo assim Francisco intimou a Anacleto que parasse o jogo, quando seu colega soldado tentou retirá-lo do botequim. No entanto, Francisco possuindo um bastão de pau nas mãos quebrou o lampião do botequim, e deu outra bordoadada em Anacleto que não se machucou pois entrou para o interior da casa onde morava e voltou armado, quando Francisco já se achava seguro por quatro homens conseguiu se soltar dos mesmos e desfechou nova bordoadada em Anacleto que lhe acertou com um tiro. Francisco faleceu momentos depois.

Outro relato interessante nesse mesmo processo é o do colega de Francisco, João Paulo da Silva que era praça do 10º Regimento de Infantaria, que indica que eles retornavam de um baile que ocorreu na região do “Pito Acesso”. Ao entrarem no botequim para comprar um maço de cigarros, João Paulo recomendou a Francisco que não bebesse mais, pois ele já havia bebido e a rua estava escorregadia devido à chuva que havia caído. A partir daí ocorreu o que as outras testemunhas já haviam narrado.

Alguns elementos podem ser analisados nesse processo crime. O primeiro deles a forma agressiva com que o soldado interrompe o divertimento faz o dono do botequim tomar providencias para colocar ordem na situação, chegando ao extremo de utilizar arma de fogo na questão. De certa forma o dono do botequim agiu para manter a honra em seu estabelecimento comercial como forma valorativa de manter seu lugar no mundo social. Ao mesmo tempo podemos perceber o uso indiscriminado da arma de fogo.

Outra questão que nos alertou é a presença apenas de homens nesse processo em 1923 e também no processo citado anteriormente de 1903. Neles tanto os réus quanto as vítimas e testemunhas envolvidas são homens o que nos permite pressupor que tanto os locais em que ocorriam os jogos, quanto os botequins e tavernas eram locais predominantemente frequentados por homens, mesmo no momento de compras dos gêneros de primeiras necessidades nas vendas e botequins. Os espaços dos botequins e vendas funcionariam como espaços de trocas de experiências sociais e econômicas, possibilitando também a sociabilidade masculina.

Em sua maioria os desentendimentos aconteciam nesses locais devido a intolerância de gestos ou falas agressivas e grosseiros entre os frequentadores, ou mesmo de acertos de conta que pretendiam humilhar a honra da vítima.

Outro elemento comum nos botequins, vendas e restaurantes era a bebida. Quer fosse a cerveja produzida nas inúmeras fábricas que existiam na cidade, ou a cachaça elas eram constantemente atribuídas ao réu ou vítima dos delitos. Inúmeras vezes as testemunhas qualificavam o réu como possuindo o hábito de embriagar-se, como forma de desqualificação de sua honra e caráter. No entanto, a bebida também era utilizada para interação social dentro dessas casas comerciais permitindo que houvesse vínculos sociais entre os frequentadores desses locais (Carneiro, 2008).

### **3.2 Bailes e festas religiosas**

Em uma noite de julho no ano de mil novecentos de dezessete, no distrito de Vargem Grande (atual cidade de Belmiro Braga) pertencente a cidade de Juiz de Fora, na Fazenda Santa Clara, Benedito Glória com cinquenta anos de idade, nascido na Bahia estava com outros camaradas festejando com danças o término da colheita do café no terreiro desta fazenda, onde também residia. Em certo momento da noite ouviu-se um tiro que partiu de um rancho ali próximo e feriu a Pedro Domingos e sua filhinha Julia Carolina de Jesus vindo a falecer Pedro. De acordo com os relatos das testemunhas Paulino Marciano Januário da Silva embora tenha atirado em Pedro não havia inimizade entre eles e o ocorrido pareceu ter sido um acidente (AHJF, 1917).

Através desse relato podemos identificar uma situação festiva em ambiente rural que exemplifica uma conjuntura recorrente na vida campesina, pois nos processos elegidos para esta pesquisa apenas uma ocorrência é de um baile em ambiente urbano.

O processo acima descrito nos permite identificar uma organização e sistematização na vida rural, desde a plantação até a colheita. Nesse sentido a festa é um ato coletivo que implica uma determinada organização em sua produção. Preparada, planejada e montada em conjunto entre o dono das terras e seus colonos ela permitia o estabelecimento de sociabilidades na vida cotidiana dos envolvidos. Nesse ambiente ela permite um afastamento das atividades cotidianas e a produção de uma identidade.

#### **4. Algumas Considerações**

A utilização dos processos judiciais como fontes de pesquisa indica uma importante possibilidade, amplitude e diversidade de temáticas e informações a serem pesquisadas.

Podemos perceber entre os exemplos aqui mencionados que por deslizes, intolerância e mesmo questões de honra e respeito os crimes eram cometidos em momentos de lazer e tempo livre dos trabalhadores. Também foi possível notar que eram comuns ocorrências de momentos sociabilidades entre os que se permitiam experimentar os divertimentos.

Diferente do que se pode inferir relativo a uma possível concentração de possibilidades de divertimento na região urbana da cidade, podemos identificar um elevado movimento de atividades de lazer no mundo rural fato que pode ser justificado pela elevada concentração de

movimento econômico cafeeiro e produção de outros artigos alimentícios e de população na vida campesina.

## 5. Fontes de Pesquisa

AHJF - ARQUIVO HISTÓRICO DE JUIZ DE FORA, Fundo Fórum Benjamin Colucci.

Processos crime de homicídio, Série 24, caixa 41, 11/04/1903.

Processos crime de homicídio, Série 24, caixa 58, 27/07/1917.

Processos crime de homicídio, Série 24, caixa 58, 18/11/1923.

CÂMARA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA. Resolução nº 706. In: **Resoluções da Câmara Municipal de Juiz de Fora**: Annos de 1915 e 1916. Juiz de Fora: Typografia Noronha, 1917.

ALMANACH DE JUIZ DE FORA PARA 1917. Juiz de Fora: Typographia Gutemberg – J. Ribeiros & Comp., 1917.

### JORNAIS

O PHAROL, 17 out. 1907.

O PHAROL, 11 set. 1909.

ESTEVES, A.; LAGE, O. V.B. **Álbum do município de Juiz de Fora**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1915.

## 6.Referências:

CARNEIRO, Deivy Ferreira. **Conflitos verbais em uma cidade em transformação**: justiça, cotidiano e os usos sociais da linguagem em Juiz de Fora (1854-1941). Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, Tese de Doutorado, 2008.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. Campinas: Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras/ Unicamp, 1996.

CHRISTO, Maraliz Castro Vieira. **Europa dos pobres**: a belle-époque mineira. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.



DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <  
<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=jaburu>> Acesso 20/05/2015.

GIROLETTI, Domingos. **Industrialização de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1988.

HOBSBAWM, Eric J, **Mundos do Trabalho**. Novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. O jogo e a educação infantil. **Perspectiva**. Florianópolis, UFSC/CED, NUP, v. 12, n. 22, p. 105-128, 1994.

OLIVEIRA, P. **História de Juiz de Fora**. 2 ed. Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria, 1966.

OLIVEIRA, Eloisa Elena; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Africanismo, geolingüística e lexicografia: um estudo de Convergências e divergências. **Revista Afroatitudianas**, vol. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/afroatitudianas/volume-2-2007/Eloisa%20Elena.pdf>> Acesso em 05/04/2015.

PUZZINATO, Ana Paula e AGUILERA, Vanderci de Andrade. A presença de africanismos na língua portuguesa do Brasil. In. **Revista Afroatitudianas**, vol.1, 2006. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/afroatitudianas/volume-1-2006/Ana%20Paula%20Puzzinato.pdf>> Acesso em 05/04/2015.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

\_\_\_\_\_. **A capital irradiante**: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.). **História da vida privada no Brasil 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAGO, Tarcisio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos**: educação physica e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VEIGA, Cynthia Greive. **Cidadania e educação na trama da cidade**: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. p. 347.